

POSSE DO ACADÊMICO
EDUARDO CAMPOS NA
CADEIRA 22 (18.10.1962)

RAIMUNDO GIRÃO

Discurso de saudação

Com as raízes dentro das dunas quentes do Pajeú lendário, soprados da viração macia dos mares valentes e verdes de Alencar, vicejam os plátanos de largas fôlhas e as umbrosas oliveiras do nosso bosque acadêmico e agitam os ramos e abrem as flôres, soltando perfume para a festa desta noite.

Ilumina-se mais uma vez o nosso jardim caboclo para as esperas da recepção de um nôvo pomareiro, com as mesmas alegrias e júbilos do jardim da Ática, sempre que recebia, feliz, os ensinamentos do insuperável Platão, pregando as idéias do Bem.

A nossa Academia embandeira-se para aclamar o vitorioso que elegeu e dá mostra segura da sua sobrevivência. Conforta ver que sobrevive da onda destruidora do pragmatismo da vida moderna arremessando-se contra a plarície virente mas quase indefesa, da Inteligência humana.

Diz-se que já dobrou o tempo dos sodalícios das Belas Letras, mergulhados cada vez mais num passadismo melancólico; que êles não podem manter mais o fogo santo das suas energias em declínio, perto da morte lenta.

Mas, talvez, não tanto assim. Apenas seja verdade para consôlo nosso que as Casas Acadêmicas já não reagem satisfatoriamente, como devera ser, ao processo de enfraquecimento orgânico, conseqüente do cansaço nos tecidos integrantes do seu corpo. É inexorável, desgraçadamente, a ação desapiedada das

veragens materiais atingindo em cheio êsses organismos irrenovados da Cultura Literária. E por certo o fator maior da doença configura-se, lastimavelmente, no suicida indiferentismo, na ausência, na frieza, quem sabe lá se no desencanto dos excelentíssimos senhores Acadêmicos.

As Academias de Letras, em nosso País, na sua maioria, não recebem o amparo de ninguém, nem sequer dos seus componentes, arredios das suas atividades vivificadoras, alheios às suas vitórias espirituais, satisfeitos no gozo egoístico da distinção que lhes confere o título pomposo de Imortal.

Isso lhes basta, na mor parte, e é muito, bem ao ir.vés dos formadores da Academia Francesa, que não se compraziam somente com serem contubernais do Rei e se prendiam afanosamente ao esforço construtivo da solidariedade ao Grêmio saído da excelsa compreensão do Cardeal de Richelieu.

Quase setenta anos perfaz esta nossa, fundada em 1894, e a sua história pode dizer-se uma história de vicissitudes vencidas pela pertinácia dalguns poucos. Por mais de uma feita esteve a desaparecer, porém dos seus restos saíam novas fôrças capazes da reconstrução. Em 1922, em 1930. Desta última recomposição para cá, houve sérios delíquios e no entanto a entidade pôde atravessar as crises. E agora é preciso não deixá-la mais cair em desfalecimento, para tanto indispensável a dedicação dos senhores Acadêmicos e, mais que isto, uma nova disposição d'alma que os há de dominar, ingressos todos num espírito de renovação, eficiente e resolutivo, que possa vantajosamente retirá-la, safá-la da mesmice, do ramerrão, da rotina, da enervação de suas reuniões dessabidas, com leitura de atas e votinhos insulsos de pêsames pelos mortos, de congratulações de aniversários e centenários, e o reles incenso dos elogios sentimentais.

Temos que injetar vida real em nossa velha Companhia, tirá-la do marasmo preguiçoso só aqui e ali quebrado por alguma festa de mais legítimo conteúdo. Temos que transformá-la num organismo de sangue rubro nas veias e não de seiva pobre mal sustentando uma fisiologia por demais esclerosada.

Nunca foram tão ajustadas e atuais, como advertência para nós, estas palavras de um dos nossos, o Acadêmico Filgueiras Lima: "Academia que não é foco de cultura, que não acende idéias de elevação mental na alma de um povo ou de uma na-

ção, que não aprimora e opulenta os recursos da língua nacional, assegurando-lhe o resguardo e patrocínio das formas e modos expressivos de maior beleza idiomática, é academia que não tem consciência de si mesma, do seu papel, da sua função, da sua autoridade, do seu ministério, da sua força. Se não exerce influência na difusão das letras e na formação da sensibilidade estética do povo em geral, deixa de representar um órgão de vital importância no desenvolvimento histórico e cultural do País.”

Há os que se contentam com o *Laissez-faire* das sessões mensais e da publicação anual de uma revista e preferem olhar a tela do passado, só de tintas nobres e austeras e, cheios de fé, extasiar-se na relembração de “gloriosas tradições”, e há os que desejam ver o novo, pintar a tela nova, de tintas renovadas, de novas expressões, em sintonia com o mundo novo, transformando-se em modificações inevitáveis.

Não são aqueles, conservadores, felizes do “meu tempo”, não são os que ficam atrás, no suave embevecimento de formas e idéias talvez encantadoras porém já mortas, não são os espíritos acomodados a belezas velhas, não são eles os que reformulam o mundo da Ciência e da Cultura, os que abrem, rasgam outros caminhos para a Renovação passar em busca do Novo Pensamento.

Aquelas velhas belezas, contempladas assim com tanto êxito e êxtase, já foram novas e representaram mudança, transformação de outras mais velhas ainda.

A vida, o mundo, a inteligência é uma perene alteração e quem se opuser a esta marcha dos dias e das horas terá a mente, terá a concepção das coisas galvanizada de bolor, perdida a nitidez das linhas verdadeiras.

Muita vez poderá o anseio renovador ultrapassar o limite justo, extremar-se em estilo de demasiado arrôjo ou atrevimento, mas o que se quer é que, contidos êsses exageros, os olhos vejam mais luz, os ouvidos escutem outras sinfonias, o coração prove sentimentos mais apurados e a sensibilidade estética experiente outras manifestações criadoras.

Entre as asas imprudentes de Ícaro, derretidas pelo sol, e a segurança das naves espaciais de hoje estará a diferença entre o velho das idéias e o novo das idéias. A sistemática sideral

de Ptolomeu não é a mesma da relatividade de Einstein. Entre a singeleza das "Demoiselles" de Santos Dumont, abrindo caminho à dominação dos ares, e a possança dos aviões supersônicos é enorme a distância realizadora.

Não há, pois, como parar, ficar na ilusão de que o passado seja a vida ou de que só as belas recordações nos alimentem a cabeça. O passado vale como inspiração, experiência elucidadora do futuro e amável contemplação do espírito rendendo homenagem ao trabalho dos nossos avós. É a paisagem remanescente, com belezas e côres, porém não é mais energia nem ação.

O homem, como fator de progresso e como filho de Deus, não poderia ficar inerte; nem para alcançar as verdades claras poderia estar sujeito a contorções mutiladoras e a falsas posições.

Deus criou os mundos obrigando-os à disciplina das órbitas, para garantir a harmonia universal, mas o cérebro humano êle o criou sem disciplinação coatora, para que fôsse livre na afoiteza das suas ambições. O pensamento humano não pode submeter-se a quaisquer limitações ilógicas no seu afã criador, não pode existir prêso ao nó cego dos preconcebidos de qualquer ordem, sejam políticos, religiosos ou filosóficos. Aquêle que, contrariando a liberdade nata do espírito, artificialmente o amarra ao pelourinho da preconcepção, do não-exame, sacrifica as expansões mais lúcidas ao sombrio das idéias emasculadas.

A palavra mágica do espírito há de ser, portanto, a liberdade e jamais a subserviência ao premoldado. Ninguém realiza com os braços nas algemas. Dir-se-á que inere ao ser humano fugir aos grilhões.

Meus senhores:

Estamos neste momento dando posse a um nôvo Acadêmico — Manuel Eduardo Pinheiro Campos, que vem sentar-se na Cadeira n.º 22. Esta Cátedra tem como Patrono Justiniano de Serpa e já foram seus ocupantes Manuel Leiria de Andrade e Alba Valdez.

Esta enumeração marca uma coincidência ou constância que vale uma fulguração: patrono e ocupantes guardam a mesma linha de compostura traduzida na independência dos seus caracteres, nenhum dêles condicionado a postulações sectaristas.

Se não foram livres-pensadores à *outrance*, foram pensadores livres, tendo diante de si o panorama do mundo como êle é. Os seus cérebros irradiaram brilhos estelares e nunca fizeram de roda que não sabe sair do eixo de seu giro. Todos êles, sem confinações escolásticas, pensaram por si, buscando corajosamente quebrar a morosidade da evolução pela revolução, embora comedida e sensata. Representam êles majestoso triunfo contra a humildade dos seus nascimentos, pois souberam fazer da modéstia de sua origem a pedra de solidez para o edifício vistoso de suas existências úteis à Pátria, à sociedade e à Cultura.

Justiniano de Serpa aristocratizou o caboclisto nordestano, transfigurando o menino de Aquirás, até suspeito de bastardia, em figura de heráldica exponência no amplo e soberbo campo do saber nacional. Aprendeu por conta própria e surpreendentemente superou os duros obstáculos da sua pobreza de casa-de-taipa. Agigantou-se bem cedo nas lutas públicas; como jornalista, intelectual, jurista e tribuna demostênico. Representou no legislativo estadual o seu povo e no federal o povo do Pará e presidiu, vencendo em eleições fortemente disputadas, ao seu Estado natal. Por onde andou e atuou, conduziu consigo o traço mais fundo da sua individualidade defendendo as belas causas sem tergiversações nem mêdos.

“O caráter romântico e idealístico de sua cultura literária — são palavras de Hugo Catunda — formada no convívio inspirador com o pensamento de Lamartine, de Chateaubriand, de Victor Hugo, de Michelet e, no campo científico, a predileção pelas teorias evolucionistas, que desde Savigny haviam transformado, de alto a baixo, a conceituação filosófica do direito, abrindo, igualmente, amplas perspectivas aos estudos da crítica e às investigações da história, cristalizavam-se, enfim, definindo a personalidade mental de Justiniano de Serpa e o sentido de suas atitudes no mundo do pensamento, marcado pelo cunho dos novos tempos. Assim, não era mais uma inteligência indecisa e imatura a que agora partia da sistemática geral da cultura para correr o véu das revelações e transmitir a mensagem afirmativa das tendências intelectuais, sancionadas pelas preferências seletivas do seu espírito.”

Em vez de falar em “minha vida” melhor poderia êle dizer a “minha luta” ou, ainda mais acertadamente, a minha luta pela

renovação das coisas e dos processos. No govêrno, a sua índole inovadora pôs em prática várias reformulações salutareas no âmbito jurídico e nos domínios da Educação, reconhecendo aos cidadãos direitos até então negados e imprimindo ao ensino público feição moderna que ainda hoje se elogia e se adota. Para tanto, teve que romper com o tradicional pregado a rebites, desmanchar tabus inoperantes e reacionários.

Leiria de Andrade, por seu turno, é outro fascinante e primoroso talento, explosão de uma meninice na realidade travêssa e de uma adolescência de trepidações nas largas duma boêmia irrequieta. Sofreu a agrura das carências financeiras, mas transpôs os empecilhos, bacharelou-se e fêz-se mestre do Direito, em concurso memorável, o primeiro a verificar-se em nossa Faculdade de Têmis. Secretário de Estado, deputado estadual e federal, reunia às funções públicas as qualidades de ardoroso defensor de idéias e de orador que arrebatava. Não erraríamos se o considerarmos um temperamental, mais dirigido pela paixão dos seus sentimentos do que pelas coordenações e censuras do ambiente. A insubmissão dos seus atos quase o arrastou a uma inadaptação à placidez e reservas do meio em que viveu. Era um agrado ouvi-lo, como o fiz muitas vêzes, nas praças da cidade ou nas salas do Júri, tal como o havia feito como seu aluno do Colégio Colombo, em 1914, haurindo a beleza das suas lições de uma clareza e felicidade admiráveis.

Leiria de Andrade soube honrar a Cadeira que ora se preenche e foi por êle retida em primeira mão.

Não menos a honrou Alba Valdez, a primeira mulher a conquistar o galardão acadêmico em nossa Ilustre Sociedade.

Recebeu-o pelo alto mérito de sua formação literária e consagrou-se na admiração geral pelos gestos francos, descobertos, altivos, rasgando sem temor o lençol das condenações misoneístas e das prevenções santarronas contra as marchas do feminismo que já se desenhava. A sua pessoa varonil, embora disfarçada na aparência da sua simplicidade de mestre-escola, alçou-a aos píncaros da nossa cultura mental, como sócia efetiva do Instituto do Ceará, e como componente desta Academia, que soube homenagear, com aprêço e afeto, a sua figura expressiva e forte. Católica, não fazia das suas convicções uma galé para as idéias que expendia, quer nas suas palestras sedutoras, quer nas obras

e trabalhos com que a sua pena enriqueceu a nossa Literatura. Morreu octogenária, mas tendo a alma sempre nova. Na realidade nunca envelheceu.

Substituí Alba Valdez o recipiendário desta noite — o escritor Eduardo Campos. Na intimidade — o Manuelito Eduardo. Substituto e continuador da corrente espiritual iniciada com Justiniano de Serpa.

Vem-nos com êle uma mocidade que pode ser paradigma da Mocidade da nossa terra. Mõço de idade e mõiço de pensamento. Atlético de corpo e atlético de espírito e inteligência. O seu biótipo físico-psíquico é o seu biótipo das manifestações da vida. Da vida dos interesses que asseguram a subsistência e o patrimônio e da vida fecunda do procedimento social e das produções criadoras, alicerce do outro patrimônio, moral e cultural.

Eduardo Campos é cavaleiro vitorioso de muitos combates.

Também como Serpa, Leiria e Alba Valdez, nasceu quase mangedcuramente, na vila de Guaiúba, de nosso Estado. Pais muito pobres, agricultores simples, de honradez incontestada. Estudou como os meninos pobres estudam e venceu como vencem muitos meninos pobres, obstinados artífices da própria felicidade.

Não tardou ver-se na companhia de jovens do seu tempo fazendo roda nos cafés da cidade, ouvindo, discutindo, opinando sobre muitas coisas, sobre temas sociais, sobre literatura. Aí, formou, lapidou o diamante da sua mentalidade intelectual, com a claridade das pedras bem trabalhadas. Quando amadureceu, já o espírito se definira na largueza das idéias, sem a jaça das seitas e dos exclusivismos, na naturalidade das suas relações com o mundo e no reto norte dos seus comportamentos.

Tornou-se dono de sítio, plantador de café e arroz, e industrial. Do outro lado, os misteres da profissão jornalística o conduziram, pelo seu valor e sensatez, à direção, no Ceará, da maior rede de periódicos e estações radiodifusoras e televisoras do nosso País. Dá conta, cento por cento, da administração da empresa admiravelmente organizada.

No terreno das letras soube cavar leiras bem fundas que são a marca saliente da sua obra intelectual: como coreísta, como teatrólogo, como folclorista.

Para a interpretação da obra de Eduardo Campos é necessário, preliminarmente, esclarecer que êle pertenceu à família do chamado grupo CLÃ, a qual não era uma associação e sim um ajuntamento de rapazes tocados de ânsia de surgir, do anseio de ser algo diverso do estalão comum. Cada qual no grupo era uma ambição, a ambição de realizar-se, que é o destino de cada homem. Se o homem não se realiza, não é mais homem; é o fracasso.

O grupo CLÃ, afirmado por uns, pôsto em reservas por outros, no que toca à sua influência na evolução literária cearense, compunha-se, queiram ou não queiram, de uma mocidade sonhadora, sem lirismo nem pieguice, antes com o sentido realista do sonho. Idéias do modernismo, talvez; idéias em choque com o passado eufórico, certamente. O essencial era *pensar contra*, fôsse no universal, fôsse no regional.

Entre os regionalistas tomou posição Eduardo Campos. Quase tôdas adstritas ao limitado ecológico são as suas produções. Amor ao meio que se respira, tanto do seu gôsto, e do meu. Êle mesmo disse certa vez que amava descrever "coisas cheirando a barro", o que para mim é uma virtude, pois acho o universal diluído demais, eu direi menos às nossas mãos. Todo unïversal é implicação necessária do regional. O particular é que dá o geral. As parcelas é que fornecem a soma. Os nossos dramas íntimos, humanos, não estão alheios a tudo que nos cerca e envolve, desde o solo em que estão os pés, até a camada atmosférica em que domina a cabeça. O esquimó, o patagônico não se tem da mesma maneira que o tropical, que o homem do calor.

O sulco mais profundo dos livros e produções de Eduardo Campos é êsse do "cheiro de barro". Do barro revolvido pela charrua da sua imaginação ou da sua experiência de pesquisas. Todos nós somos uns mesológicos. A sensibilidade do nosso tato, o arfar dos nossos pulmões, os sons dos nossos ouvidos, as visadas dos nossos olhos, o sabor da nossa gustação, tudo é mesologia.

Ê dêsse modo pregado à paisagem do Nordeste, com as narinas abertas sorvendo o perfume de encher-o-peito dos mofumbos, ou contraídas repelindo o mau cheiro das carniças, que o escritor recebe o bilhete de entrada e penetra o templo encolunado da Literatura.

Começa fazendo contos que aos poucos se enfeixam em livros: *Águas Mortas* (1943), *Face Iluminada* (1946) e *A Viagem Definitiva* (1949).

A estréia de *Águas Mortas* coincide com os 20 anos de idade do contista, o mais m^oço dos mosqueteiros-Clã, e foi julgada satisfatória uma confiança de melhores provas no futuro, pois não lhe trouxe os tamborins de um triunfo barulhento, como foi, por exemplo, entre nós, *Terra de Sol*, de Gustavo Barroso, *Tijipió*, de Herman Lima, *O Quinze*, de Raquel de Queirós, *Terra de Ninguém*, de Jáder de Carvalho, imediatamente consagrados pela crítica. Preferira Eduardo Campos um gênero literário difícil porque ainda objeto de desavenças na interpretação do que devem ser, tecnicamente, as curtas histórias. Vinham os seus contos com algumas falhas, falhas de linguagem, falhas de enredo, falhas de vivacidade dos personagens e, para os mais rigorosos, falhas de universalidade. Carlos Drummond de Andrade escreveu paternalmente ao jovem autor: "Obrigado pelo seu livro, que comecei a ler. Encontro nêles um interesse vivo, uma solidariedade natural com os seres humanos, que a meu ver é qualidade básica no ficcionista. A expressão literária parece-me ainda na fase inicial, mas sente-se que você caminha para dominá-la e há muito que esperar de um escritor assim corajoso e humano." O crítico generoso, nas suas palavras curtas, mandava ao noviço um estímulo e às letras brasileiras uma profecia.

Veio *Face Iluminada* para confirmá-la, tudo já muito mais próximo do ótimo. As falhas em menor número, os objetivos do conto mais diretamente atingidos. Sérgio Milliet apreciou-o em confronto com *Noite Feliz* de Fran Martins, outra promissora floração-Clã, e disse: "Creio que o livro de Fran Martins se incluiria entre os que do conto no seu sentido clássico pouco têm. São em geral crônicas muito agradáveis humorísticas ou sentimentais, escritas com facilidade. Mas a coletânea de Eduardo Campos reúne material bem diverso. Quase sempre um episódio simples, um caso, forma e núcleo de um rápido desenvolvimento, cujo sentido encontra a sua conclusão no desfecho. O perigo grande da anedota foi evitado, que há uma fronteira difícil de marcar entre o conto e a anedota. E não raro o autor alcançou soluções felicíssimas, como nesse conto delicioso de emo-

ção que se intitula "Céu Limpo". Se ambos os contistas são narradores natos, isto é, se sabem contar e prender a atenção do leitor, vejo em Eduardo Campos uma força mais dramática e um maior sentido de enredo, ao passo que em Fran Martins o desejo é antes de originalidade e de pitoresco."

A firmeza artística do autor de *Face Iluminada* ganhou mais consistência ainda em *A Viagem Definitiva*: outra linguagem mais cuidada, bem mais o universal sobre o regional, muito mais estado d'alma nos personagens, realizado bastante da profecia de Carlos Drummond. Mas nas pequenas narrações deste livro, como na dos dois outros, ainda se observa que o escritor faz as coisas com muita pressa. Talvez a multiplicidade de seus assuntos, no conto, no folclore, no teatro, o seu temperamento extrovertido, quase gargalhante, e mais o polímorfo da sua vida de jornalista, dirigente de jornais e estações radiotransmissoras, o obriguem a êsse passar de gato sobre a brasa sacrificando de certa maneira a sua grande capacidade de criação. Moreira Campos, o mestre do conto no Ceará, percebeu claramente êsse fenômeno quando afirmou: "Numa imagem mais objetiva, diríamos que Eduardo Campos nos conta as suas histórias em pé e de chapéu na cabeça. Seria melhor — parece-nos — menos precipitação. Com a força inegável que tem para criar, para apresentar casos, mergulhar, com segurança, no mundo íntimo dos seus personagens, todos nós pediríamos a êle, quase exigiríamos, um "bate-papo" mais longo, coisa mais demorada, para que as nossas próprias emoções não ficassem em suspenso. Ao contrário, viesse a completar-se como decerto se movimentam na sua ficção."

Mas a fertilidade de criações de Eduardo Campos não poderia satisfazer-se com o palco somente imaginado dos personagens desencarnados dos seus contos, a que só a mente do leitor dá movimento e vida.

Outro palco, o dos proscênios, cenários e bastidores atrairia o seu buliçoso espírito. As cenas, agora, eram na verdade, vivas, com o espectador vendo, ouvindo, emocionando-se. Teatro é emoção, ela mesma, na sua plenitude nervosa e não apenas produto ou efeito da excitação individual de quem lê o conto, a novela, o romance.

O teatrólogo estará mais em Eduardo Campos do que o contista, estará mais na sua versatilidade empreendedora, e documento é a seqüência de suas peças, desde a estréia de *O Demônio e a Rosa*, drama aplaudido sem quaisquer restrições rancosas, a ponto de levar o dramaturgo Renato Viana a exigir do autor licença para encená-la no seu Teatro Anchieta, de repercussão nacional.

Era esplêndida e positiva afirmação do chamado teatro de vanguarda, com a técnica de representação diferente, revolucionária, fora do academicismo dramático, mais natural, as vibrações emocionais mais juntas do público, êste mais em contacto com o "hoje" na sua integração realista, desvestido de fantasias e mentiras.

O teatro moderno é arte moderna, é vivência, sem falsos cânticos, sem falsas atitudes mentais e morais, é outra posição do pensamento, que se desprende de tudo isso, do convencional e da contrafação para apreender o verdadeiro mundo humano, e mundo tal qual é. E não será êsse nôvo rumo uma simples ou desavisada aventura, porém o ímpeto, a vontade de encontrar a Vida na cristalinidade de sua essência, nascida de Deus para ser vivida pelo Homem.

A vida ela própria, tangível, exata, com as suas doçuras e os seus amargos, e não a sua caricatura.

Depois, urdiu o môço teatrólogo a peça *O Anjo*, argumento de razões e protestos pela volta a uma existência mais simples e poética, como sintetiza Mozart Soriano Aderaldo, e em seguida *Os Deserdados*, a configurar-se quase em tragédia, na qual o autor não foge à *faculté maitress* do regional nordestino, da seca e das suas desgraças. O drama, pela substância do seu texto, envolvendo forte tensão psicológica, e pela realidade dos motivos postos em cena, deve ser considerado um dos primores da nossa literatura teatral.

Coroa-se a obra de Eduardo Campos, nesta região dos disfarces e caracterizações, com a *Máscara e a Face* e *Nós, as Testemunhas*, ambas de aguda ressonância no mundo das ribaltas cearenses e doutros centros adiantados do País, para onde as levou êsse admirável Teatro Escola do Ceará, digno dos melhores encômios, composto de finos atôres e dirigido pela grande senhora D. Nadir Papi de Sabóia, tão distinguida em nossa alta

sociedade, como no direi refinamento dos seus dotes de interpretação artística.

São de fato as duas peças duas jóias de legítimos reflexos, que trazem para o autor o prêmio de honrosa colocação entre os mais admirados teatrólogos do Ceará.

Dir-se-á que o nosso teatro é pobre, mas como o fêz Viriato Correia em relação ao teatro brasileiro, repetiremos que o "teatro que possuímos é o único teatro que podemos possuir, pois a arte cênica é a arte culminante, que só se incorpora aos povos quando os povos atingem a esfera de alta cultura".

Os nossos maiores escritores dramáticos, mais fecundos e mais projetados no cenário brasileiro cada um em seu tempo, são José de Alencar e Raimundo Magalhães Júnior. Gustavo Barroso e Raquel de Queirós, nomes nacionais, são autores de uma só peça, aquêles com o drama *D. Pedro I*, em 3 atos, de fundo histórico, esta, com *Lampião*, drama documental em cinco quadros. Domingos Olímpio deixou vários dramas e comédias representados no Rio de Janeiro: *A Perdição*, *Júlia*, *Rochedos que Choram*, *Tântalo*, *Túnica de Nessus*, *Um Par de Galhetas*, *Os Maçons* e o *Bispo*. Oscar Lopes produziu *Albatroz*, *A Confissão* e *Os Impunes*, dramas, *Cabotinos*, comédia, e a revista *Fora do Sério*. Edigar de Alencar, mais em nossos dias, viu representada na antiga capital da República (Teatro São José) a revista *Doce de Côco*.

Dos que não emigraram do "cheiro de barro", sabe-se que se deram à dramática, conquanto apenas tangenciando-a, Juvenal Galeno, com a comédia *Quem Com Férro Fere Com Ferro Será Ferido*; Francisco de Paula Barros, com a cena dramática *O Capitão Hipólito*, representada no Teatro Pedro II, do Rio; José Avelino Gurgel do Amaral, com a comédia em 3 atos *As Aparências Iludem*; Joaquim Olímpio da Rocha, com os dramas *O Enjeitado* e *A Filha do Crime*; Álvaro Martins, o Alvarins tão festejado como poeta, com as revistas *O Belecho* e *Lopes, Veiga & Cia*; Antônio Papi Júnior, com as comédias *O Corisco* e *La Garçonne* e mais *A Maçã*, representada vitoriosamente pelo grande ator nacional Leopoldo Fróis, *O Último Pecado*, drama, e *No País da Troça*, bufonaria em 3 atos com 16 números de música. Ana Facó e Francisca Clotilde compuseram para as encenações teatrais. Mons. Vicente Martins publicou cinco volu-

mes de trabalhos teatrais, com o pseudônimo Victor Mery. Ezequiel de Meneses escreveu o drama *Veneno* (1949).

De maior destaque e mais oferecidos às platéias foram os trabalhos de Frederico e Carlos Severo e os de Carlos Câmara. Frederico escreveu as operetas *De Baturité à Lua*, em 3 atos, e *Sinos de Corneville em Arronches*, levadas com ruidoso sucesso em repetidas noites, no Teatro S. José, de Fortaleza. O irmão Carlos fêz época no seu teatro, no do Benfica, nesta capital, com as suas comédias *Os Dois Irmãos*, em 3 atos, *Hotel do Salvador e Macaquinho no Óco*, esta musicada, na maior parte por êle mesmo.

Carlos Câmara é teatrólogo de contextura, tendo escrito diversos enredos cênicos — *A Bailarina*, *O Casamento da Peraldiana*, *O Zé Fidélis*, *Alvorada*, *O Calu*, *Pecados da Mocidade*, *Os Coriscos*, *Piratas*, *O Paraíso*, *Almas de Artista*, tôdas com êle próprio *metteur-en-scène*, no seu Grêmio Dramático de Fortaleza. Renato Viana, que tanto se identificou com o Ceará, onde desenvolveu atividades profissionais e culturais por vários anos, não hesitou nesta apreciação: "A feição regionalista das peças de Carlos Câmara eleva o seu trabalho na gradação dos valores fundamentais e formadores do teatro brasileiro, que nunca teve uma feição característica e, por isso mesmo, nunca se consolidou. O regionalismo em teatro é a sua fase por excelência construtora. Tem sido assim em tôda parte, desde os regionalistas clássicos. E conclui o seu entusiasmo: "depois que me meti em teatro, e escrevi peças, e que discuti teatro no Brasil, é a primeira vez que sinto as emoções de um teatro brasileiro, escrito por brasileiro, representado por brasileiro e falando brasileiro".

Carlos Câmara e Eduardo Campos valem, não há dúvida, como as duas ornamentadas positivities da arte do teatro no Ceará. Marcam dois triunfos, embora marquem dois sentidos da mais exultante significação.

A inquietude intelectual de Eduardo Campos por certo o levaria a outras paragens da inteligência. Não lhe bastava a subjetividade da ficção e, quando mal se suspeitava, descia para a objetividade, tão prazerosa, das pesquisas do folclore.

Nestas, haviam-se glorificado Leonardo Mota e Gustavo Barroso, e alguns outros, muito raros, como Paulino Nogueira, o filho João Nogueira, o Barão de Studart fizeram incursões li-

geiras, superficiais, no terreno das coletas folclóricas. Florival Seraine preferiu, nas quais se fez mestre, as lucubrações científicas da lingüística popular. Juvenal Galeno foi o folclorista das canções da gente rústica e Rodrigues de Carvalho pioneiro do cancionerismo. Merecem referência especial, como bons pesquisadores, José de Figueiredo Filho e Néri Camelo.

Folclore é ciência, onde se não cria, nem a imaginação tem vôos, mas, ao contrário, se observa e interpreta. Interpretação da alma do povo — da sua infra-história, da sua arte, dos seus costumes e hábitos, tradições, lendas, ofícios; do seu misticismo, das suas superstições, da sua poesia gostosa e espontânea, do seu linguajar sem flexões nem regências corretas. A antropologia cultural tem aí material farto para as suas procuras e conclusões, e no Ceará, no Nordeste, área de singular e demorada aculturação, o seu acúmulo propicia horizontes abertos ao seu conhecimento, já agora altamente em moda, trazido à obcecação.

Forçou Eduardo Campos a porta com *Medicina Popular*, já em segunda edição (1956) e garbosamente entrou na casa mal arrumada, cheia de quantos trens ainda por devidamente colocar.

Todos nós temos de médico um pouco, cada um de nós é um esculápio fácil, a ensinar remédios para tudo. É o sentimento de solidariedade humana em função, sem que se perceba.

E não costumava dizer Bontempelli que a medicina não passa de uma opinião? Nas camadas populares, mais que na gente culta: garrafadas, meizinhas, benzeduras, as mais esdrúxulas. Superstições astrológicas, a magia dos amuletos, o horror dos tabus. Uma seara imensa de credices ligadas à debelação ou alívio das doenças de tôda sorte. Terapêutica de ervarários, raizeiros, curadores, de resultados tidos como fantásticos, transmitidos de geração a geração. Milagres de santos, traduzidos nas rumas de ex-votos entulhando igrejas e capelas de padroeiros estupendos.

Tudo isso o folclorista catou, analisou e descreveu no seu livro, que na crítica valiosa de Florival Seraine "é resultado de exaustivos trabalhos-de-campo, apresentando aspectos interpretativos dignos de nota, em que o autor, forrado de elementos bibliográficos, tenta explicar a origem das superstições e seu psicocultural".

Folclore do Nordeste e Estudos de Folclore Cearense, ambos de 1960, são novas ratificações do lúdimo merecimento de Eduardo Campos como pesquisador e divulgador das manifestações artísticas e modo de ser do povo, no encantador primarismo de sua cultura espiritual e material. E de sua extraordinária capacidade de fazer, e fazer bom, teremos que aguardar muito mais.

Senhor Manuel Eduardo Pinheiro Campos, ou melhor, para mim, meu caro Manuelito Eduardo:

Desconfio de que a Academia não tenha escolhido bem, para saudá-lo nesta hora de sua recepção, o Acadêmico bem apescado dos méritos da oratória necessária, mas sinto a convicção de que a escolha recaiu em quem, não querendo valer-se do "manto diáfano da fantasia", na verdade não teme dizer o que eu disse, com o sincero desejo, a justa intenção de vê-la atirada a cometimentos mais vivos, mais avançados, menos jungidos ao ritmo enervante das monotonias.

Esta Casa é uma relíquia da vida intelectual do Ceará e está no dever de honrar a tradição que tem, e as minhas palavras, de algum calor talvez, mas de pura fé, não contêm outros intuitos que o de conclamar os seus pares ao desempoeiramento imperioso, a fim de que resplenda nas suas salas o espírito da Coisa Nova, renascente, construtivamente renascente. Precisamos da Renovação vivificante, e você, meu caro Manuelito, dispõe de fôrças guapas e viçoso ânimo com que auxiliar-nos nesta boa tarefa.

Seja, pois, bem-vindo e nos ajude.